

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA MORTALIDADE MATERNA NO BRASIL: PERSPECTIVAS PARA A REDE ALYNE

Gabriela Amoury Sasaki Acácio¹, Catarina Quezede Duval², Laís Aniele Gomes de Sousa³, Juliana Arais Hocevar Kristoschek⁴, Daniel Godoy Defavari⁵

¹Discente do Curso de Medicina da Universidade de Brasília. E-mail: gabiamoury@gmail.com; ²Discentes do Curso de Medicina da Universidade de Brasília. E-mail: catqduval@gmail.com; ³Discentes do Curso de Medicina da Universidade de Brasília. E-mail: anielelais1368@gmail.com; ⁴Docentes do Curso de Medicina da Universidade de Brasília. E-mail: julihocevar@hotmail.com; ⁵Docentes do Curso de Medicina da Universidade de Brasília. E-mail: danielgodoydefavari@gmail.com

Introdução: A mortalidade materna permanece como um grave problema de saúde pública no Brasil. Segundo a OMS, caracteriza-se pela morte de mulheres durante a gestação ou até 42 dias pós-parto por causas relacionadas à gravidez. A Rede Alyne visa reduzir iniquidades na morbimortalidade materna, priorizando populações vulneráveis. Este estudo analisa o panorama epidemiológico da mortalidade materna brasileira, enfatizando disparidades étnico-raciais e perspectivas de impacto da nova rede assistencial. **Material e Método:** Estudo descritivo, transversal e retrospectivo, utilizando dados do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e Departamento de Informação e Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). O período analisado corresponde aos anos de 2020-2024, no Brasil. Os dados foram submetidos a análise estatística descritiva, com cálculo das razões de mortalidade materna (RMM) por 100.000 nascidos vivos, além da avaliação de tendências temporais e desigualdades regionais e étnico-raciais. **Resultados e Discussão:** Em 2024, o Brasil registrou 1.184 óbitos maternos, sendo 65,5% (776 óbitos) em mulheres negras/pardas, 30,8% (365 óbitos) em mulheres brancas e 3,6% (43 óbitos) em outras raças. Entre 2020 e 2023, foram 7.676 óbitos, com 64,4% (4.944 óbitos) em mulheres negras/pardas. As regiões Nordeste e Sudeste apresentaram as maiores concentrações de óbitos, com 30,5% (2.710) e 34,4% (3.055), respectivamente. As principais causas diretas de morte foram doenças infecciosas parasitárias, síndromes hipertensivas e hemorragias pós-parto. A RMM estabilizou-se em 52-53/100.000 nascidos vivos (2022-2024), com pico de 112,99 em 2021. A persistência de elevadas taxas de mortalidade materna evidencia falhas estruturais no sistema obstétrico brasileiro. O pico da RMM em 2021 (112,99/100.000 nascidos vivos) reflete o impacto devastador da pandemia de COVID-19, que sobrecarregou o sistema de saúde e agravou desigualdades preexistentes. A desproporção de 65,5% dos óbitos em mulheres negras/pardas reflete racismo estrutural e barreiras no acesso a cuidados qualificados, perpetuando ciclo de vulnerabilidade social e desfechos adversos intensificados durante a crise sanitária. A Rede Alyne constitui marco estratégico ao estabelecer meta ambiciosa de reduzir em 50% a mortalidade materna de mulheres negras até 2027. Implementa protocolos clínicos padronizados baseados em evidências e capacitação profissional com enfoque na competência cultural. Assim, busca fortalecer a atenção primária, otimizar o transporte obstétrico de urgência e revitalizar os comitês de investigação de óbito materno, configurando resposta sistêmica às iniquidades raciais historicamente negligenciadas. **Considerações Finais:** A mortalidade materna brasileira demanda intervenções urgentes e direcionadas. A Rede Alyne surge como estratégia promissora para enfrentamento das iniquidades raciais, devendo ter seus resultados rigorosamente monitorados para validação de sua efetividade na redução da mortalidade materna.

Descritores: Desigualdades em Saúde, Mortalidade Materna, Rede Alyne.